INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

GERCÍLIO SANTANA DIAS

A ESPIRITUALIDADE PRESBITERAL DIOCESANA: Alguns aspectos da espiritualidade do padre diocesano

TERESENA

2017

GERCÍLIO SANTANA DIAS

A ESPIRITUALIDADE PRESBITERAL: Alguns aspectos da espiritualidade do padre diocesano

Monografia apresentada ao curso de Teologia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Teologia.

Orientador: Eudoxo Soares Lima Verde

40p.

Cod. 5825
230
D541e
Ex.01

TERESINA

2017

ICSPI - Biblioteca
13098 10/10/19

GERCÍLIO SANTANA DIAS

A ESPIRITUALIDADE PRESBITERAL: Alguns aspectos da espiritualidade do padre diocesano

Monografia apresentada ao Curso de Teologia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, para obtenção do do grau de bacharel em Teologia.

Aprovado em ____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final do Curso de Teologia no ICESPI, sou muito grato a todos os professores que com sapiência e paciência repassaram seus conhecimentos aos alunos, no intuito de estarem formando bons padres para a Igreja de Cristo. Mas, de modo particular, quero manifestar meus votos de gratidão e estima ao saudoso professor Gomes Campos pela doação ao Seminário Sagrado Coração de Jesus. Sua amizade aos seminaristas e preocupação na formação dos futuros padres do Piauí

EPÍGRAFE

"Cada cristão deve estar pronto a defender a sua fé e a dar a razão da esperança que vive em nós (Pd 3,15). Como muito maior razão os candidatos ao sacerdócio devem manifestar um diligente cuidado pelo valor da formação intelectual, devem procurar um conhecimento cada vez mais profundo dos mistérios divinos". (PDV 51).

RESUMO

Resgate e refontização da espiritualidade do padre diocesano. Apresenta uma fundamentação bíblico-teológica, onde o ícone do Bom Pastor é o referencial de relevo dessa espiritualidade. Procurou caracterizar a espiritualidade do padre diocesano sabiamente subdivida em três balizas: a Igreja Particular (diocese); o Presbitério e ainda o Povo de Deus. Abordou ainda a espiritualidade e a vivência dos Conselhos Evangélicos.

Palavras - chave: Espiritualidade. Padre diocesano.

RÉSUMÉ

Retour aux sources et redécouverte de la spiritualité du prêtre diocesain. A partir d'um fondement bíblico-théologique, La figure Du Bom Pasteur est Le point de reférence de cette spiritualité. Trois paramètres viennent sagement caracterizer la spiritualité du prêtre diocésain: l'Église locale (diocese), Le Presbyterium et le Peuple de Dieu.le travail fait aussi um lieu entre La spiritualité et lês Conseils Évangeliques.

Thèmes - clé: Spiritualité. Prêtre diocesain.

LISTA DE SIGLAS

CD - CHRISTUS DOMINUS
CDC - CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO
CIC - CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
DA - DOCUMENTO DE APARECIDA
LG - LUMEN GENTIUM
EE - ECCLESIA DE EUCHARISTIA
EM - EVANGELII NUNTIANDI
ENP - ENCONTRO NACIONAL DOS PRESBITEROS
PDV - PASTORES DABO VOBIS
PO - PRESBYTERORUM ORDINIS
SC - SACRAMENTUM CARITATIS

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	10
2	**FUNDAMENTAÇÃO BIBLICO-TEOLÓGICA**	12
2.1	**A imagem do Bom Pastor**	13
2.2	**Complemento ao ícone do Bom Pastor**	14
2.2.1	A diaconia de Jesus (Jo 13, 1-20)	15
2.2.2	A Eucaristia momento alto da missão de Jesus	15
2.2.3	A doação de Cristo na cruz	16
2.2.4	Jesus, vencedor da morte	17
2.2.5	A ação do Espírito Santo	18
3	**ELEMENTOS CARACTERISTICOS DA ESPIRITUALIDADE DO PADRE DIOCESANO**	19
3.1	**A Igreja particular**	19
3.2	**O presbitério**	21
3.3	**O povo de Deus**	24
4	**A ESPIRITUALIDADE DIOCESANA E OS CONSELHOS EVANGÉLICOS**	26
4.1	**A maturidade afetiva**	26
4.2	**A caridade pastoral**	29
4.2.1	A caridade presbiteral	30
4.3	**A diocesaneidade na vida secular contemporânea**	31
4.4	**A Eucaristia, sustentáculo da diocesaneidade**	34
4.5	**A Virgem Maria, ícone do discipulado e da diocesaneidade**	37
5	**CONCLUSÃO**	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O padre diocesano, revestido de autoridade-serviço, ao ser enviado ao mundo leva consigo a tarefa de apresentar aos fiéis, Jesus Bom Pastor. Na comunidade eclesial onde ele exerce seu ministério sacerdotal se depara com diversas situações e encontrará em seu caminho pedras, espinhos, tribulações, Etc. A espiritualidade se manifesta embrenhada nos acontecimentos da vida e não desconexa dela, pois a espiritualidade só será como tal, em intima relação com a vida.

Apresentar aos fiéis uma espiritualidade configurada a Jesus Bom Pastor é um tanto desafiante ao padre diocesano, ainda mais no contexto atual dilacerado pelo relativismo, pela ausência de solidariedade, pela perda brusca da misericórdia, do diálogo; onde exalta uma ideologia de competição, o efêmero etc. O Bom Pastor carrega nos ombros a ovelha desgarrada do rebanho e, com o cajado em punho, defende as demais de possíveis perigos.

No primeiro capítulo, a reflexão se dará em torno da fundamentação bíblico-teológica da espiritualidade do padre diocesano. O ícone do Bom Pastor é a referência máxima na fundamentação da espiritualidade do presbítero diocesano e, aliados à figura do Bom Pastor, há outros episódios que complementam a espiritualidade do ministro diocesano.

No segundo capítulo, a tónica a ser dada é nos elementos que caracterizam a espiritualidade do homem de Deus, moldada por três elementos fundamentais na vida diocesana, a saber, a igreja particular, o presbitério e o povo de Deus.

No terceiro capítulo tem-se a intenção de propor caminhos para o testemunho da espiritualidade diocesana a partir dos conselho evangélicos, certo que, o testemunho da espiritualidade diocesana, passa necessariamente por quatro momentos indispensáveis que são: a maturidade afetiva, a caridade pastoral e, conexa a essa, a caridade presbiteral e a diocesaneidade na vida secular contemporânea, e também conexa a essa a eucaristia, sustentáculo para a diocesaneidade. Não se pode esquecer que nesse testemunho temos a intercessão de Nossa Senhora, ícone do discipulado e da diocesaneidade.

Os apóstolos, ao receberem o mandato missionário de Jesus, tomam a consciência de que carregam tesouro em vasos de argila. Eles tem convicção de que o Senhor os escolheu porque sabia de suas limitações, mas respaldados numa espiritualidade de seguimento, de comunhão, de diálogo, superariam as adversidades da missão e proclamariam aos povos a Boa Nova de Jesus.

O Senhor continua a clamar homens para continuarem a missão sua e dos apóstolos. Se esses homens clamados por Deus não tomarem consciência de que a espiritualidade é a chave que abre todas as possibilidade de obterem sucesso na missão de proclamar ao mundo Jesus Cristo, certamente perderão o encanto pela vocação e abandonarão o primeiro amor.

2 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DA ESPIRITUALIDADE DO PADRE DIOCESANO

O tema da Espiritualidade tornou-se um debate interessante no contexto moderno em que nos encontramos. O ser humano precisa de fato começar um itinerário para dentro de si, onde ele possa encontrar uma resposta para seus dilemas e questionamentos. Somente no encontro consigo mesmo é que o homem poderá compreender que ele complementa, embeleza a obra da criação. No encontro com seu interior, o homem encontrará possibilidade de relacionar-se com o transcendente e com o outro.

No percurso da História, o verbete espiritualidade não recebeu a definição que se encontra nos atuais dicionários. Nos primeiros séculos da Era Cristã, a definição de espiritualidade estava muito ligada à vida cristã. Apenas na modernidade é que se definiu a noção de espiritualidade. "A noção de espiritualidade é moderna e não se encontra como tal nos antigos. Estes preferiram falar de teologia espiritual, de ascese, e de mística, ou, simplesmente, de vida cristã e evangélica." (HUMMAN, 2005, p. 511).

Para Dalai Lama (apud BOFF, 2003, p. 12): " A Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior." Leonardo Boff aprimora a definição de Dalai Lama ao afirmar que, "Espiritualidade é uma das fontes primordiais, embora não seja a única, de inspiração do novo, de esperança alvissareira, de geração de um sentido pleno e de capacidade de autotranscendência do ser humano." (BOFF, 2003, p. 12).

Masure (1960, p. 180) afirma que "[...] espiritualidade é o modo de se portar diante de Deus." Esta definição é condizente com a compreensão que se de espiritualidade representa, uma vez que o fiel deve portar-se diante de Deus. Apesar de se ter melhorado o conceito de espiritualidade, conservou-se o seu sentido intrínseco que é "uma caminhada movida pelo Espírito de Deus."(PEREIRA, 2006, p. 11).

Há uma pergunta que não quer calar, principalmente hoje num mundo dilacerado pelo secularismo: o padre diocesano tem espiritualidade? Se tiver, onde encontrá-la? Como ele, de fato, vive essa espiritualidade? São questionamentos que desafiam o padre diocesano a perceber que há um clamor por sua espiritualidade mais incisiva no mundo, pois, "os cristãos esperam encontrar no presbítero não só um homem que os acolhe, que os escuta com todo o respeito e lhes testemunha uma sincera simpatia, mas também e, sobretudo um homem que os ajuda a ver Deus, a chegar até ele." (PDV II, n. 47).

O mundo moderno lança ao homem de Deus o desafio de garantir uma espiritualidade que lhe proporcione entusiasmo, força, perseverança no ministério.

> Parece óbvio que a vida e a missão de todos os padres esteja ancorada na espiritualidade cristã. Contudo, a espiritualidade do padre diocesano está ligada de forma ainda mais direta a Jesus Cristo [...]. Desta forma, a Bíblia é o livro básico a ser lido, interpretado e vivido (ROSEMBACH, 2007).

A primeira referência de autenticidade da espiritualidade do padre diocesano é a imagem do Bom Pastor. Cristo chamou os apóstolos e os enviou em missão. Os apóstolos têm como modelo de vida o próprio Cristo. Portanto não devemos negar que, "A pessoa de Jesus, O Bom Pastor, é o modelo do padre diocesano. Pelo contexto de sua ação pastoral, ele caminha como pastor de rebanho, serve, cuida, acolhe e defende o seu povo. Ele é um comunicador do evangelho." (ROSEMBACH, 2007).

Podemos afirmar: "[A] espiritualidade [do padre diocesano] emana da especial configuração a Cristo Pastor; é evangélica, eucarística, mariana, de fraternidade, encarnada na vida e realidade dos que lhe são confiados; é alegre e geradora de esperança." (FLORIPA, 2007).

No contexto das Letras Sagradas, mais especificamente no Novo Testamento, a imagem do Bom Pastor serve de raiz para se compreender e fundamentar a Espiritualidade do Padre Diocesano. O Bom Pastor tem um olhar para o horizonte capaz de compreender os sinais dos tempos. Ele tem um olhar para o mundo que é o campo de sua atuação, Ele é perspicaz na atividade de conduzir, de cuidar de suas ovelhas, e é por isso que as ovelhas O conhecem. Portanto, o re-conhecer desperta nas ovelhas uma *imagem fotográfica*, que as faz lembrar do zelo, da voz que as guia para um lugar seguro.

2.1 A imagem do Bom Pastor

A difusão da imagem do Bom Pastor se dá por volta do século III da Era Cristã. Mas, já no Antigo Testamento podemos encontrar a raiz bíblica do ícone do Bom Pastor (Jó 10, 1-19; Ez 34,11-12.14-16.23.31; Is 44, 28; Sl 23, 1-5;118; 176). No entanto, é no Novo Testamento que podemos encontrar relatos que definem o Bom Pastor (Jo 10,1-30; Lc 15, 3-7; I Pd 5, 1-4). Assim, encontramos no Evangelho de Lucas:

> Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu até encontrá-la? E achando-a, alegra-se. Põe sobre os ombros e, de volta para casa, convoca os amigos e os vizinhos, dizendo-lhes: alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida! (Lc 15,4-6).

O ícone do Bom Pastor é representado por um homem revestido de insignia de pastor com uma ovelha nos ombros (século III). Certamente a perícope de Lucas serviu de referência para a construção de tal ícone. Representa os anseios humanos diante de suas

fragilidades. O homem bíblico olha Deus como sendo o Pastor (Sl 28,9). A experiência libertária vivida pelo povo de Deus deu plena convicção de que o homem não pode viver sem um pastor. As inseguranças do homem o conduzem a querer uma segurança plena (Sl 23). Cansado de confiar em pastores que se tornaram estúpidos (Jr 10, 21) Deus resolve assumir o pastoreio de seu povo (Jr 23, 1-4). Deste modo,

> [...] o pastor conduz as ovelhas e o rebanho como diz o evangelista João: 'Ele vai na frente e elas o seguem por que lhe conhecem a voz (Jo 10, 4). Ele conhece os caminhos, os atalhos, as canhadas, e conduz as ovelhas com 'conhecimento e prudência' (Jr 3, 15), para não pô-las em risco. Sabe onde ficam as pastagens verdes e as fontes de água abundante (BOFF, 2004, p. 44).

Os Apóstolos fazem da imagem do Bom Pastor um referencial para sua missão. Os primeiros cristãos buscam ser iguais a Cristo Bom Pastor e repetir os mesmos sentimentos de Jesus (I Pd 5, 2-4). O ícone do Bom Pastor, por volta do século III não é ainda entendido como sendo Jesus. O entendimento que se tem dele é que ele invoca o sentido de filantropia e põe em relevo a ação salvadora. Pois, segundo Giuntella (2002, p.1009): "Na arte cristã esta imagem quer por em evidência a ação salvadora e não pode ser considerada como figura de Cristo, mas como um ideograma, tanto que pode ser repetida mais vezes no mesmo ambiente ou no mesmo objeto."

A solidariedade humana também pode ter seu referencial no ícone do Bom Pastor. O homem na sua mais profunda virtude sente-se convidado a estender a mão, a curar as feridas de seus semelhantes. A ação do pastor motiva as suas ovelhas a serem como ele. A vida do pastor é escola da solidariedade. Por isso que o Bom Pastor é protótipo da vida e espiritualidade do padre diocesano.

2.2 Complemento ao ícone do Bom Pastor

A perícope do Bom Pastor antecede a "hora de Cristo", conduzindo a uma compreensão. Jesus tinha consciência de sua missão e que tal missão o conduziria à doação total de sua vida, a fim de restaurar muitas vidas. Mas o ministério de Jesus consiste em testemunhar tudo o que Ele ouviu e aprendeu do Pai.

À imagem do Bom Pastor podem-se acrescentar outros acontecimentos relevantes para a espiritualidade do padre diocesano, com o intuito de ampliar o leque de compreensão do significado dela.

O retrato do Bom Pastor apresenta-se como uma "mola propulsora" para a Espiritualidade do Padre Diocesano. A solenidade do Lava-Pés, a Instituição da Eucaristia na

Última Ceia, a doação de Cristo na cruz, a Ressurreição e o Pentecostes confirmam que o Bom Pastor tem plena consciência e que não podemos separar esses acontecimentos da imagem – pano de fundo – do Bom Pastor.

2.2.1 A diaconia de Jesus (Jo 13, 1-2)

O Bom Pastor que protege suas ovelhas não hesita em servi-las. No episódio do Lava-pés, Jesus despoja-se de seu manto – que representa autoridade – enrola em sua cintura uma toalha – que é símbolo do servo – e pega uma bacia com água para lavar os pés dos discípulos. Jesus inclina-se, ajoelha-se para exercer o serviço do lava-pés. Tal gesto mostra que o Cristo Pastor humilha-se para demonstrar aos seus discípulos que, mesmo sendo de condição divina Ele mostrou ser capaz de rebaixar-se, igualando-se a eles (Fl 2, 6-7).

Na cena do Lava-pés acontece algo curioso. Pedro, de inicio, não aceita que Jesus lave os seus pés. E isto revela o pensamento judaico que Pedro porta. Um pensamento que não aceita que a autoridade sirva os seus súditos. Jesus rompe com esse modo de pensar e apresenta um procedimento novo, conduzindo seus discípulos a compreenderem a grandeza do serviço ao outro (Jo 13, 6-9).

Ter parte com Jesus é receber a mesma autoridade. Autoridade que Pedro, os Apóstolos e os sacerdotes – pelo Sacramento da Ordem – recebem. A cena do Lava-pés – do serviço - conduz o padre diocesano a exaurir desta cena os fundamentos de sua espiritualidade. Jesus ensina os discípulos a mergulharem na dinâmica da entrega total do serviço ao próximo. Por isso que a cena do Lava-Pés completa a imagem do Bom Pastor, pois Ele encontra a razão, o sentido de seu existir no serviço a suas ovelhas.

A autoridade de Jesus transforma-se em serviço. Autoridade-serviço ensinamento que Jesus transmite a seus apóstolos e que devem fazer o mesmo. Hoje, o padre diocesano, continuador da diaconia de Jesus, repete a autoridade-serviço ensinada por Jesus.

2.2.2 A Eucaristia, momento alto da missão de Jesus

Contemplando o ícone do Bom Pastor torna-se impossível não perceber sua intenção de doar-se até o fim. (Jo 10, 15b) O Bom Pastor diariamente sai à procura daquela ovelha que se perdeu do rebanho. A sua busca pela ovelha perdida O faz pensar nos perigos que ela possa estar passando. Mais , ao sair ao encontro dela, imagina que também enfrentará perigos.

Os evangelhos sinóticos e o Apóstolo descrevem a cena da Última Ceia, onde o Bom Pastor, após o resgate da ovelha perdida, quer doar-se como alimento, como pão para a vida eterna. Ele não hesita em colocar-se a serviço de suas ovelhas, assim como também não hesita em oferecer-se como fonte e ápice para aqueles que Ele resgatou.

O Apóstolo acrescenta: "Fazei isto em memória de mim" (I Cor 11, 25). O Bom Pastor quer que seu gesto restaurador se perpetue. A re-memorização do gesto de Jesus, Bom Pastor, se configura com a Eucaristia. A instituição da Eucaristia na Última Ceia complementa a imagem do Bom Pastor

Há uma intima relação entre a ação do Bom Pastor e a Instituição da Eucaristia. O Bom Pastor sai ao encontro da ovelha que se perdeu do rebanho e a encontra em perigo, quase sendo atacada pelo lobo feroz e com o bastão afasta o lobo. Hoje, os presbíteros diocesanos

> Na condição de representantes do verdadeiro e único Pastor, Jesus Cristo [...] têm o direito de usar o bastão para dar segurança ao povo peregrino que busca vida em plenitude (Sl 23, 4c). Porém este bastão deve ser usado apenas para afastar da comunidade os lobos e mercenários, ou seja, aqueles que apenas querem se beneficiar com as vantagens do contato com o povo (Jo 10, 12-13). (OLIVEIRA, 2007).

O Cristo na Última Ceia, não quer somente carregar nos ombros a ovelha perdida, mas quer ser alimento, força, luz e exemplo, a fim de mostrar ao homem que Nele reside a força que supera todos os conflitos e crises.

2.2.3 A doação de Cristo na cruz

O Bom Pastor, em todo o seu itinerário *goélico* em prol da ovelha desgarrada, encontra muitas adversidades. Ele é servo das ovelhas, nutre-as com o intuito de restabelecer suas forças. Surgem pessoas provenientes de classes favorecidas que se colocam em oposição ao Bom Pastor e procuram motivações para eliminá-lO. Ele, com seu jeito inovador de acolher, de respeitar, mostra que é possível amar, perdoar, sarar as feridas da ovelha. Tal gesto provoca ciúmes, intrigas, inveja daqueles que se aproveitam do seu *status* para explorar, ludibriar o povo.

Ao resgatar as ovelhas que estão fora do aprisco, o Bom Pastor compreende o sentido do seu múnus. Ele não protege somente as ovelhas que se encontram no redil, mas sai em busca daquela que se perdeu do rebanho. O Bom Pastor tem plena consciência de que seu gesto lhe trará tribulações, perseguições.

O Bom Pastor não teme o perigo. Ele sabe perfeitamente que sua morte não será o fim, mas a eternização de sua mensagem "O pastor dá a vida pelas suas ovelhas" (Jo 10, 11).

A crucificação de Cristo como outro complemento ao retrato do Bom Pastor. O episódio da cruz tem um suceder de acontecimentos, mas o que merece destaque – pelos menos aqui – é o momento em que o soldado perfura o lado de Jesus com a lança e deste jorra sangue e água. Estes completam a missão do Bom Pastor.

O sangue representa o sacrifício definitivo na cruz, não havendo mais necessidade de se derramar sangue, pois o Cristo, de uma vez por todas, doou sua vida em prol de muitas. A água representa a humanidade decaída que é resgatada pelo Cristo e reconduzida ao redil de Deus. A água é a força divina que não abandona o seu servo na hora da dor. O fundamento da Espiritualidade do Padre Diocesano encontra-se no mistério da cruz. O Bom Pastor não só resgata a ovelha perdida, mas doa sua própria vida.

Sangue é vida. Vida que surge de uma espiritualidade encarnada numa realidade repleta de influências que conduzem à morte. A água também é vida. Ela nasce e conduz o homem de Deus para o rio da vida. Sangue e água continuam a jorrar do lado de Cristo, quando cada sacerdote assume com coragem, afinco e serenidade, a missão do Bom Pastor. Portanto, jorrar sangue e água do lado do homem de Deus significa assumir a postura do Bom Pastor e sair em busca da ovelha perdida, a fim de resgatá-la.

2.2.4 Jesus, vencedor da morte

O retrato do Bom Pastor é completado pela ressurreição de Cristo. Ele não mede esforços para resgatar a ovelha que se perdeu. Deus o ressuscitou do sepulcro, restabelecendo sua vida. Ele, sem reservas, arisca tudo que tem em prol da ovelha perdida. Ele não pensa no lucro, mas na dignidade de sua ovelha; nem muito menos pensa em completar um número determinado de ovelhas, mas na felicidade delas. As atitudes do Bom Pastor são desinteressadas e suscitam em Deus o interesse de re-estabelecer- Lhe a vida. O Cristo aceita morrer numa cruz com um único e verdadeiro interesse: amar até o fim aqueles que Deus lhe confiou.

O Bom Pastor foi morto, mas Deus O ressuscitou. Existe uma unanimidade nas perícopes dos evangelhos em que há uma mensagem de incentivo, de apoio, de não-desistência: "Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito." (Mt 28, 6). O Bom Pastor nunca morre; ele continua vivo no cotidiano de suas ovelhas.

O homem de Deus busca referência para sua espiritualidade no relato da ressurreição de Cristo. A mística do Bom Pastor é salvar ovelhas perdidas; a do homem de Deus é perpetuar a missão do Bom Pastor. A Espiritualidade do Padre Diocesano deve deixá-

lo perseverante na estrada de Jesus. Uma vez nesta estrada, toma a consciência de que o caminho é longo, difícil e repleto de momentos desafiantes, mas é uma estrada em que, ao final do percurso terá a retribuição de Deus: "Aquele que perseverar até o fim será salvo" (Mc 13, 13b).

2.2.5 A ação do Espírito Santo

O Bom Pastor, que se desloca em direção da ovelha perdida, tem consciência da missão cumprida. Ele acredita que, mesmo morrendo por causa daquela ovelha, Deus não o abandonará. Pondo toda sua confiança no Pai, anuncia a vinda do Espírito Santo; " mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em Meu nome vos ensinará tudo e vos recordará de tudo o que vos disse." (Jo 14, 26).

O Evento do Pentecostes embeleza o retrato do Bom Pastor. A única e verdadeira língua anunciada pelo Bom Pastor é a mesma língua usada pelos apóstolos no momento do Pentecostes O Bom Pastor utiliza a língua da misericórdia, do zelo e do amor; língua que O coloca em conexão com aquele que O enviou.

O Pentecostes opõe-se completamente ao episódio da Torre de Babel (Gn 11, 1-9). No Pentecostes, todos conseguem compreender-se, mostrando que o Espírito de Deus unifica os povos, dando-lhes alternativas para vivenciarem esse momento de bonança e paz. O Bom Pastor imbuído de proclamar língua universal não hesita em mostrar que tal língua se converte em uma ação concreta: ir em busca da ovelha perdida, dando-lhe perdão e acolhendo-a a fim de fazê-la sentir-se amada e restabelecida em sua dignidade.

Não foi a ovelha quem primeiramente falou a língua do Bom Pastor e nem a multidão quem falou a língua dos apóstolos no Pentecostes; pelo contrário, é o Bom Pastor quem primeiramente usa uma língua compreensível pela ovelha perdida. Os apóstolos, repletos do Espírito Santo, fazem-se compreender pela multidão. Tanto o Bom Pastor como os apóstolos estão conscientes de que são eles que precisam compreender, "inculturar-se" na língua de seus destinatários. Portanto, a mensagem de Deus para os homens precisa ser *Midrshizada* para o contexto real e existencial em que o destinatário se encontra.

IC-BPI - Biblioteca
43098 20/10/19

3 ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DA ESPIRITUALIDADE DO PADRE DIOCESANO

A espiritualidade e identidade do padre diocesano são sempre refletidas numa mesma perspectiva, ambas são inseparáveis e onde existe uma, automaticamente existe a outra. São duas realidades unívocas que recebem as mesmas características, ou seja, a mesma moldura. A pretensão deste capítulo é de galgar as características norteadoras da espiritualidade do ministro diocesano.

O século XXI se apresenta como um século do estreitamento do relacionamento. No âmbito eclesial isto é percebido no relacionamento mais próximo suscitado pelo Concilio Vaticano II que pôs padres e bispos mais próximos uns dos outros. A espiritualidade do padre diocesano, a partir da proposta do Concilio Vaticano II e mais recente de Aparecida, encontra-se moldada, simultaneamente, pela Igreja Particular, Presbitério e Povo de Deus.

3.1 A Igreja particular

A eclesiologia do Vaticano II, nos seus mais diversos documentos, destaca a importância da Igreja Particular. É um termo que tem a mesma equiparação de Diocese. E tal termo nos conduz a entender que existe uma Igreja Universal. Documentos da Igreja (CDC cân. 368, 1983; LG, n. 23) afirmam que: " É nas Igrejas Particulares e a partir delas que existe a una e única Igreja Católica. "

E o decreto Christus Dominus define diocese como

> Uma porção do Povo de Deus confiada a um bispo, para que a apascente com a colaboração dos Presbíteros, de tal sorte que, unida ao seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo, por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja Particular, na qual se encontra e opera a Igreja de Cristo, una, Santa, Católica, Apostólica (CD, n. 11).

A Igreja Particular está sob a responsabilidade do Bispo. Ele é o Pastor que recebeu a missão de cuidar, ensinar e santificar a porção do Povo de Deus. Mas como essa porção do Povo de Deus foge de seu alcance humano, ele recorre a uma prática pastoral já utilizada pelos Apóstolos nos primórdios da Igreja de Cristo, que é a ordenação de presbíteros (2 Tm 1, 6). Desta maneira,

> [...] os Bispos passaram legitimamente o múnus de seu ministério em grau diverso, a pessoas diversas na Igreja. Assim o ministério eclesiástico, divinamente instituído, é exercido em diversas ordens pelos que desde a antiguidade são chamados bispos, presbíteros e diáconos (LG, n. 28)

O que dá sustentabilidade ao presbítero diocesano é a Igreja Particular. Não se pode falar de Padre Diocesano desligado do bispo, portanto, de uma Igreja Particular. É na conexão direta com a diocese que o padre diocesano construirá sua identidade e automaticamente sua Espiritualidade. Dom Aloísio Lorscheider afirma que, "O Padre Diocesano é o padre incardinado em uma Igreja Particular, em uma diocese, consagrado totalmente a ela, posto ao serviço dela, para pastoreá-la, em intima união com o bispo e os demais membros do Presbitério." (LORSCHEIDER, 2007, p. 28).

O Papa Paulo VI apresenta uma compreensão magnífica de Igreja Particular ao afirmar que, "as Igrejas Particulares profundamente amalgamadas não apenas com as pessoas, como também com as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar [...]" (EN, n. 62-63).

A espiritualidade do homem de Deus requer dele o conhecimento e a capacidade de assumir a história da Igreja Particular na qual ele está incardinado. O Padre diocesano fora revestido de autoridade-serviço pelo bispo diocesano, que por sua vez é o Ordinário (não delegado) da Igreja Particular. Tendo conhecimento dos desafios históricos e pastorais da Igreja Particular onde recebeu as Ordens Sacras pela Graça de Deus edificará no seu cotidiano uma espiritualidade condizente com sua opção de vida. Novamente, Dom Aloísio Lorscheider afirma:

> O conhecimento da história da Igreja Particular ou da diocese, da vida e da realidade (historia passada e presente) deve ser, para o Padre Diocesano, motivação constante, a fim de crescer na vida de oração, sentir-se estimulado dentro das exigências evangelizadoras e pastorais da Igreja Particular ou diocese, e se doar, sempre mais, para que Jesus seja conhecido, amado e seguido por esta porção do Povo de Deus, que em união com o bispo diocesano e os demais membros do presbitério, lhe foi confiado (LORSCHEIDER, 2007, p. 29)

Os documentos do Magistério, de modo especial os mais recentes, apresentam a autonomia da Igreja Particular. Eles definem a Igreja Particular como "uma porção do povo de Deus, confiada a um bispo" (CD 11) e não como uma parte, pois a parte leva-nos a compreender que não existe uma sintonia com o todo. Já a porção nos conduz a deduzir que existem na diocese as mesmas prerrogativas do todo, sem ruptura.

A Igreja Particular é modelada por diversas formas de cultura. Eis o desafio da Espiritualidade do Padre diocesano: mantê-la integra no contexto de pluralismo religioso. É neste contexto que se encontra o padre diocesano. Portanto,

> [...] a tarefa da inculturação da fé é própria da Igreja Particular sob a direção de seus pastores e com a participação de todo o povo de Deus. Os critérios fundamentais neste processo são a sintonia com as exigências objetivas da fé e a abertura à comunhão com a Igreja Universal (CELAM apud LORSCHEIDER, 2007, p. 60)

Além do mais, a Igreja Particular não é uma secção da Igreja Universal, como é o município uma secção do Estado, mas ela é "formada à imagem da Igreja Universal." (LG, n.23). Pode-se acrescentar que, "Ela possui todas as propriedades essenciais, todos os elementos: a Palavra, os Sacramentos, a Eucaristia, os Dons do Espírito Santo, o Apóstolo, a Koinonia (a Comunhão)" (LORSCHEIDER, 2007, p. 32).

O Código de Direito Canônico (1983) afirma que "a diocese é uma porção do povo de Deus" (cân. 368). Tal porção não foge da estrutura da Igreja Universal. A estrutura da Igreja de Cristo é composta pelo Apostolo e pela comunidade dos fieis. Para se constituir é necessário a referida estrutura.

> É essa estrutura essencial da Igreja Particular, constituída pelo rebanho e pelos pastores designados (1Pd 5, 1-4), que foi e permanece sempre normativa e faz com que a Igreja nunca possa permanecer fechada em si mesma e se submeta a Cristo, como sua origem e sua cabeça. (Sínodo dos Bispos apud LORSCHEIDER, 2007, p. 33).

Sob o governo do ordinário, a Igreja Particular nutre-se do Evangelho e da Eucaristia. Uma Diocese sem esses elementos vitais da comunidade cristã não pode ser uma porção do povo de Deus. Assim, pode-se dizer: "A Igreja vive da Eucaristia." (EE 1).

A Igreja Particular é o lugar privilegiado para a vivência da comunhão eclesial. O presbítero diocesano vive sua espiritualidade nela.

> A Igreja Particular é totalmente Igreja, mas não é toda Igreja. É a realização concreta do ministério da Igreja Universal em determinado lugar e tempo. Para isso, ela deve estar em comunhão com as outras Igrejas particulares e sob o pastoreio supremo do Papa, Bispo de Roma, que preside a todas as Igrejas. (DA, n. 166).

Todos os padres são ordenados para viverem em uma Igreja Particular onde sua vocação será enriquecida pelo serviço prestado a tal porção do povo de Deus. Fora da Igreja Particular o presbítero será um peixe fora d'água e com o tempo perderá o encanto pela vocação e abandonará o ministério.

3.2 O presbitério

O Cristo Bom Pastor e Mestre de nossas vidas escolheu Doze Discípulos para auxiliá-lo (Mt 10, 1-16). O grupo dos Doze foi adjetivado como colégio apostólico, comunidade apostólica. O Ordinário da Diocese, como sucessor dos Apóstolos e imitando Cristo, ordena homens para cooperarem diretamente com seu pastoreio. Pelo Sacramento da Ordem, esses homens estão ligados ao Cristo, constituindo a comunidade dos presbíteros.

> Os presbíteros, estabelecidos na Ordem dos presbíteros através da ordenação, estão ligados entre si por uma intima fraternidade sacramental; de modo especial, porém, formam um só presbitério na diocese para cujo serviço estão escalados sob a direção do Bispo próprio . (PO, n. 8).

E ainda,

> Os presbíteros pelo Sacramento da Ordem estão ligados com o Cristo único Sacerdote por um vinculo pessoal e indissolúvel. A ordem lhes é conferida enquanto indivíduos, mas inseridos na comunhão do presbitério unidos com o Bispo. (PDV, n. 74).

O presbitério tem uma conotação de família. Pode-se dizer que presbitério é sinônimo de fraternidade. O Bispo e os presbíteros, unidos através do Sacramento da Ordem sob inspiração divina, formam essa família/fraternidade iniciada e perpetuada pelo Cristo Bom Pastor. Desta forma, "[...] a fisionomia do presbitério, portanto é a de uma verdadeira família, de uma fraternidade, cujos laços não são da carne nem do sangue, mas os da Graça sacramental da ordem." (PDV, n.74).

A vivência da vocação na Igreja nunca se deu no âmbito individual, o chamado de Deus ao homem exige uma resposta pessoal, mas que se viva dentro da comunidade de fé. A proposta de Jesus é a unidade (Jo 17, 21) e deve ser a proposta a ser seguida pelo ministro diocesano. Pois, segundo a CNBB: "A vocação do presbítero não se vive de maneira individual. A própria fidelidade à missão exige a vivência comunitária e a integração no presbitério." (Doc. 88, n 22).

O presbitério enquanto família/fraternidade exige do padre diocesano uma participação interna na vida apostólica do Bispo diocesano. Para ser um presbitério de conotação familiar/fraternal é imprescindível que exista comunhão do padre com o bispo e do bispo com o padre. De tal forma que:

> O ministério presbiteral é antes de mais, comunhão e colaboração responsável e necessária ao ministério do bispo, na solicitude da igreja universal e por cada igreja particular para cujo serviço eles constituem juntamente com o bispo um único presbítero. (PDV, n. 17).

O homem de Deus ao ser ordenado presbítero por um bispo que se encontra em comunhão com toda a Igreja, responsável por uma Igreja particular, credencia-se a assumir uma missão de co-responsabilidade na Igreja Particular e pertencer ao presbitério. A junta de ligadura do presbítero com o bispo é o sacramento da ordem. Ambos pertencem a uma fraternidade que é entendida como presbitério. Assim,

> Esta fraternidade deve ser muito sentida e vivida por cada um. Se um sofre, todos sofrem, se um não anda corretamente, todos andam meio tortos, se um é difamado, todos são difamados... dessa relação de amor e fraternidade todos tirarão forças para sua vida espiritual e dela brotará a mais intensa eficácia pastoral. Para os

> padres diocesanos a união fiel e a generosa cooperação com o bispo constituirá eficazmente para a santificação (LG, n. 41).

O presbitério é a fraternidade do padre diocesano. É dessa fraternidade que a espiritualidade do Ministro diocesano flui. A convivência dos padres diocesanos entre si e com seu bispo deve manifestar aos homens o sinal do Cristo Bom Pastor. Um presbitério dilacerado pela desarmonia, pela falta de consenso nunca se constituirá numa fraternidade apostólica seguidora de Cristo e estará completamente na contra mão do Evangelho de Jesus, que diz: "Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito." (Mt 5,48). E "nisto todos conhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros." (Jo 15,35).

Na atualidade, é inaceitável um presbitério dividido por tantos problemas, tais como competição, partidarismo,

> Amor ao dinheiro, descaso com a comunidade, autoritarismo das pessoas, arrogância, falta de disponibilidade, preguiça, incapacidade de anunciar a Palavra, pieguice, espiritualismo, abandono da opção pelos pobres, conivência com a corrupção de políticos locais, insensibilidade, falta de acolhimento, discriminação, desequilíbrio afetivo sexuais [...] (OLIVEIRA, 2007).

A comunidade dos fiéis espera um testemunho condizente com o múnus exercido pelo homem de Deus. O povo de Deus espera do padre diocesano e do bispo, testemunho autêntico do Cristo Bom Pastor e "é só no espírito e na atitude do amor fraterno e de comunhão que o bispo e o seu presbitério serão testemunhas autênticas de Jesus Cristo." (LORSCHEIDER, 2007, p. 50)

A espiritualidade do homem de Deus se fortificará através da vivência da Eucaristia em comunidade, ou seja, na comunidade presbiteral. É no presbitério que o padre diocesano sentirá o apoio, o incentivo necessário para superar as crises.

O ser humano certamente não foi criado para viver na solidão. Suas características, automaticamente, o levam a ser uma pessoa de relação. A civilização humana buscou construir laços de amizade, grupos sociais, guetos, etc. Organização que se apresentou como salutar para a civilização humana, pois aconteceu uma mútua ajuda e cooperação. Na vida presbiteral diocesana, a história cristã católica mostra que os padres, desde o começo, se organizaram em presbitério, uma organização fraterna capaz de se consolidar em uma imensa família.

> O presbitério é o lugar privilegiado para o sacerdote [diocesano] poder encontrar os meios específicos de santificação e de evangelização e ser ajudado a superar as limitações e fraquezas próprias da natureza humana que hoje particularmente se anotam. (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1994, p. 29).

A fraternidade presbiteral alcançará êxito na tomada de consciência de que não se pode obter sucesso na evangelização enquanto existir no presbitério homens que ainda não perceberam a dimensão da família sacerdotal. O presbitério apresenta-se como um ambiente propicio para uma convivência sadia, harmoniosa entre o bispo e os padres que formam a comunidade dos apóstolos na Igreja Particular.

3.3 O povo de Deus

A Sagrada Revelação apresenta várias imagens para definir Igreja. O Concilio Vaticano II preferiu usar a imagem Povo de Deus para Igreja. Na Constituição Dogmática Lumen Gentium que aborda sobre a Igreja, a categoria Povo de Deus antecede a Hierarquia. Possivelmente, a intenção é conduzir-nos a compreender que os ministérios emanam do sacerdócio comum de Cristo. Todos os batizados inseridos no Povo de Deus têm a mesma responsabilidade pastoral e que, "Todos os batizados tem responsabilidade pele crescimento e pela difusão da Igreja no mundo, a fim de que o Reino de Deus se torne uma realidade sempre mais vivida." (LORSCHEIDER, 2007, p. 51).

O significado Povo de Deus tornou-se compreensível pelos primeiros cristãos porque eles se compreenderam como um corpo harmonioso cuja cabeça é Cristo (Ef 4, 11-16) e "...casa (1Cor 3, 10-15), ambos bem estruturados,onde anarquia e desordem nunca foram como estilo normal de vida do Povo de Deus (1Cor 14, 33)." (OLIVEIRA, 2007).

A instituição dos ministérios foi uma ação sábia de Jesus e Ele mesmo é a fonte de todo o ministério na Igreja. No auxilio ao Povo de Deus podemos perceber a finalidade da instituição dos ministérios. O padre diocesano recebe de Cristo a autoridade-serviço no intuito de apresentar ao Povo de Deus os valores primordiais do Reinado de Deus. Deste modo,

> O próprio Cristo é a fonte do ministério na Igreja.[..] deu-lhe autoridade e missão, orientação e finalidade: para apascentar e aumentar sempre o Povo de Deus, Cristo Senhor instituiu em sua Igreja uma variedade de ministérios que tendem ao bem de todo o corpo. Pois os ministros que são revestidos do sagrado poder servem a seus irmãos para que todos os que formam o Povo de Deus [...] cheguem à salvação (CIC, n. 874).

Ao receber o Sacramento da Ordem o padre diocesano é enviado em missão para pastorear uma porção do povo de Deus. Ele exercerá sua missão inserido numa comunidade eclesial e nele viverá como pastor e guia. Por isso que,

> [...] a unção recebida exige também que os presbíteros vivam neste mundo entre os homens e se façam tudo para todos e sejam vistos como um de tantos, no seguimento de seu Senhor. Não podem, portanto, desempenhar sua função fora ou afastados do convívio humano onde se encontram com seus semelhantes e irmãos. (Doc. 88, p. 111).

Pelo Sacramento do Batismo nos tornamos membros do Povo de Deus. O cristão continua no mundo aspirando e testemunhando as coisas do céu. Pelo Batismo o neófito é inserido na Igreja, grande família de Deus. Ele caminhará em comunidade, pois "ninguém se salva sozinho, ninguém se condena sozinho." (LG, n. 9). O Batismo nos torna participantes do Povo de Deus e aqui aparece a finalidade pastoral dessa imagem: "Deus no meio do seu Povo, é o Emanuel, e nos espera no coração de cada membro desse povo." (LORSCHEIDER, 2007, p. 53).

A vocação sem dúvida é um dom de Deus. A resposta a este chamado de Deus provém da comunidade, pois todas as vocações surgem no seio da comunidade, ou seja, do povo de Deus. O presbítero diocesano encontra-se inserido em uma comunidade eclesial e é isto que garante a confirmação e a sustentação do chamado de Deus.

A escolha do padre diocesano se dá no seio do Povo de Deus e isto acontece não para torná-lo melhor que os demais e sim para fazê-lo servo de todos. O exercício do ministério presbiteral mostrará ao ministro que ele não é dono do privilégio de guiar a Igreja.

> A comunidade precisa da presença dos ministros que em seu seio exercem a missão de representar bem Aquele que é o único detentor do privilégio de guiar e de animar a Igreja. Portanto, os ministros, especialmente os presbíteros, precisam ter consciência de que são apenas sinais sacramentais do pastoreio de Cristo. (OLIVEIRA, 2007).

Ao afirmar: "eu não vim para ser servido, mas para servir", Jesus quer nos mostrar a essência de sua missão, o serviço. Deste modo, participar do povo de Deus, pelo Batismo, é tomar consciência de que a nossa missão é servir e, por conseguinte, evangelizar. Só um povo servidor tem plenas condições de propagar a mensagem autêntica do Cristo Bom Pastor, que protege e guia suas ovelhas.

4 A ESPIRITUALIDADE DIOCESANA E A OS CONSELHOS EVANGÉLICOS

Na vida de Jesus encontra-se o fundamento, tanto para a espiritualidade diocesana como para os Conselhos Evangélicos. Um não existe sem o outro. A tradição dos Evangelhos compreendeu os Conselhos Evangélicos como um caminho para a perfeição (τελειο) caminho este conduzido por uma espiritualidade. Os ensinamentos de Jesus apontam para os seus interlocutores, a perfeição (Mt 5, 48).

Os Conselhos Evangélicos têm sua fundamentação nas Sagradas Letras. Os Evangelhos apresentam três tipos de Conselho Evangélico, a saber: a pobreza, a obediência e a castidade (Mt 19, 16-22; Lc 9, 3; Lc 18, 22; I Cor 7,6).

A espiritualidade do Ministro Diocesano sem a vivência dos Conselhos Evangélicos torna-se morta. A intenção deste capítulo é propor a espiritualidade diocesana como dimensão indispensável para a vivência dos Conselhos Evangélicos. Consciente de que quem vive os Conselhos Evangélicos é uma pessoa, traçaremos linhas de reflexões em torno de três aspectos que são importantes na vivência da espiritualidade diocesana.

4.1 A maturidade afetiva

Não podemos entender maturidade afetiva desconexa da maturidade humana. Uma é o conjunto de reações baseada na maturidade dos afetos; a outra é a garantia de que as reações são manifestas tendo por base o crescimento humano que se constituiu no percurso da existência. A afetividade da pessoa aprimora-se quando ela alcança um nível de maturidade ideal. Por isso, "A maturidade humana deve ser entendida como a plenitude da consciência de todas as qualidades físicas, psíquicas e espirituais bem harmonizadas e integradas entre si." (ZAVALLONI, 2005, p. 719).

A afetividade é manifestada em tudo que fazemos. Ela influencia em nosso comportamento. As nossas reações e atitudes estão sempre baseadas nos sentimentos. A manifestação da afetividade depende basicamente de dois sentimentos: amor e ódio. O padre diocesano na busca da maturidade afetiva lutará com um mundo imaturo que não privilegia o amor e sim momentos, que por sinal são passageiros. Por isso, "O amor maduro exige domínio próprio: ir ascendendo do mundo elementar - imaturo - do mero prazer, até o mundo racional e espiritual em que o homem encontra a sua plena dignidade." (CIFUENTES).

O que não se pode esquecer é que o Ministro Diocesano é revestido, pelo Sacramento da Ordem de autoridade-serviço, mas ele continua com suas faculdades humanas

inalteradas, portanto, para uma boa vivência da espiritualidade de seu ministério requer-se uma maturidade afetiva. A pessoa humana é dotada também de afetividade, que se, nos padres diocesanos, bem 'trabalhada' deixa-o mais sereno e equilibrado na convivência com o rebanho que o Senhor lhe confiou. Portanto," A maturidade da personalidade humana inclui o desenvolvimento da liberdade, entendida como libertação daquilo que escraviza e aliena e como vivencia concreta e responsável da 'capacidade de agir, sabendo o que se faz e porque se faz (RUBIO, 2006, p.125).

No processo de formação da personalidade, a dimensão afetiva tem grande influência. No contato com o meio em que vive, o individuo constrói suas características. Uma pessoa que só apresenta problemas, mágoas, rancores ainda não alcançou a maturidade humana e muito menos afetiva. Personalidade e afetividade são referenciais para se descobrir quem é o outro e só se pode chegar a uma descoberta do outro no contato, na convivência com ele.

> A personalidade madura é aquela que conseguiu realizar o desenvolvimento completo das capacidades e dos atributos requeridos por suas condições de ser adulto. A maturidade [humana e afetiva] é algo que se vai adquirindo gradualmente ao longo do caminho da vida [...] (ZAVALLONI, 2005, p. 722).

Um indivíduo que alcançou a maturidade, tanto humana quanto afetiva tem grandes chances de viver a liberdade plena. A Liberdade é de fundamental importância no processo da maturidade; tal liberdade se pauta em duas certezas: "a certeza de já ter sido amado e a certeza de poder e dever amar." (CENCINI, 1997, p. 84). Estas duas certezas proporcionam ao homem liberdade de escolher. Assim como a personalidade tem intima relação com a afetividade, a liberdade também tem sua relação com a maturidade afetiva e o somatório dessa relação chama-se "liberdade afetiva [que] significa amar o próprio ideal" de consagrado. (CENCINI, 1997, p. 84).

A espiritualidade do padre diocesano, para ser sinal e presença do Reino de Deus entre os homens, precisa que o próprio presbítero saiba escolher, preservar os valores, ainda mais se tratando de valores que são constantemente burlados pela sociedade pansexual. A maturidade afetiva do homem de Deus caminha atrelada a sua espiritualidade, uma vez que, ambas têm como palco de acontecimentos, a pessoa do padre diocesano. Compreendemos como valor "aquilo que é (ou torna um objeto) apetecível, amável, digno de aprovação, de admiração etc.; aquilo que provoca sentimentos, juízos ou atitudes de estima e de recomendação; daquilo que é útil para um fim determinado." (RUBIO, 2006, 126).

A vida do padre diocesano é marcada por esta caminhada de maturação afetiva que se desdobrará na vida espiritual. Se o padre não resolve esse aspecto afetivo, certamente será infeliz e fará a muitos infelizes. Por isso, durante todo o processo formativo do candidato à vida sacerdotal, os formadores são convidados a refletirem sobre esses assuntos da vida humana. Assim, o homem de Deus "[...] consciente da própria fraqueza trabalha o verdadeiro servo de Cristo na humanidade, examinando para ver o que agrada a Deus." (PO , n.15).

O presbítero diocesano é um homem com fraquezas e limitaçõe*s* mas, por desígnio de Deus recebe uma missão especifica entre os homens, missão esta que é a salvação da humanidade. Ele, a partir do Sacramento da Ordem, torna-se *alter Christi* e isto o habilita a fazer radicalmente a opção pelo Reino de Deus; por isso que,

> [...] a opção fundamental pelo valor que é o Reino de Deus, a opção mais decisiva, polariza toda a existência do crente e sua caminhada para maturidade afetiva. Reino de Deus, seguimento de Jesus Cristo, serviço eclesial evangelizador são expressões de um valor fundamental a incidir no ser e no agir da pessoa de fé, desde que assumida consciente e livremente (RUBIO, 2006, 127).

O vocacionado à vida presbiteral diocesana, ao decidir doar sua vida por completo em prol do Reino de Deus, deverá ter plena consciência das exigências da vida presbiteral. Similar são os nubentes ao contrair o matrimônio, deverão estar convictos das exigências da vida a dois. Ambas as decisões devem ser livres e conscientes e não para satisfazer a vontade de terceiros.

> A formação espiritual do futuro presbítero, é inseparavelmente, trinitária, cristocêntrica e eclesial. Ele é chamado a compreender como, pelo Sacramento da Ordem, será enviado pelo Pai e configurado a Cristo, para atual e viver, na força do Espírito Santo, na comunhão da Igreja, para a salvação do mundo (CNBB. Doc 55).

O padre diocesano, no exercício de seu múnus pastoral, irradiará uma espiritualidade autêntica e, inerente a seu ministério diocesano. Ele compreende que sua espiritualidade nunca poderá estar isolada dos demais aspectos da vida humana. A maturidade afetiva enaltece a espiritualidade, de tal modo que ele poderá exclamar: "Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim" (Gl 2,20). Para Rubio (2006, p.128): "É o ser humano inteiro, a vida inteira do homem e da mulher, que devem estar abertos ao acolhimento do dom de Deus. É Deus quem atua no ser humano, transformando o de 'velho' em 'novo', pela efusão do seu Espírito."

4.2 A caridade pastoral

A espiritualidade do presbítero diocesano manifesta-se na caridade pastoral. Ele pode ser um homem de oração, conhecer profundamente a Sagrada Escritura, ter uma boa homilia..., mas se lhe for ausente a caridade pastoral, não passará de um excelente orador. O mundo está repleto de bons oradores e necessitado de caridade. "A espiritualidade é o modo de se portar diante de Deus." (MASURE, 1960, p. 180). A caridade "dirige-se a todos os homens. " (SBAFFI, 2005, p. 84), especialmente ao homem de Deus que recebeu a missão de manifestar ao mundo a caridade suprema, Jesus Cristo.

A palavra caridade, longo da História, fora empregado por muitas religiões. No cristianismo, Jesus é a Caridade suprema de Deus presente no seio da humanidade. A Sagrada Escritura, do Antigo ao Novo Testamento, faz menção a caridade. Ele recebe o significado exuberante no contexto do Novo Testamento. Desta forma, "Revelador da caridade de Deus é Jesus Cristo: nisto se manifestou o amor de Deus por nós – Deus enviou seu filho único ao mundo para que vivamos por ele.". (SBAFFI, 2005, p. 84).

O homem de Deus, conhecedor da missão de Jesus, esforça-se ao máximo para se aproximar do Cristo em obras e ações. Sua espiritualidade deve ser simultaneamente intrínseca e com os pés na realidade. Ele, revestido pela Caridade Suprema, sairá ao encontro daqueles que o Pai Eterno lhe confiou. A caridade está na base da vida do padre diocesano, ela [a espiritualidade do padre diocesano], de acordo com Sbaffi (2005, p. 85):

> Revela-nos que existimos para amar como o mundo existe para ser amado: amar está acima de qualquer outro bem [....] É generoso; faz emprender coisas grandes e estimula a tudo o que há de mais perfeito e melhor nos céus e na terra, porque o amar nasceu de Deus e não pode saciar-se senão com o próprio Deus... Quem ama corre, voa e se alegra; é livre; nada o detém, nada lhe pesa, nada lhe custa; tenta fazer mais do que pede; não considera nada impessoal, porque tudo crê possível e lícito. Por isso, pode tudo e realiza muitas coisas, diante das quais quem não ama desanima e cai.

O padre diocesano é chamado por Deus para anunciar o Evangelho. Mas se nele não existir o amor por aquilo que exerce, o múnus pastoral de Cristo Sumo e Eterno Sacerdote certamente não se manifestará. Na medida em que o amor-caridade deixa de ser o princípio norteador da espiritualidade do padre diocesano, em questão de tempo ele abandonará ou se desencantará do ministério presbiteral; caso contrário, se tornará um homem marrento, deixando seus fieis insatisfeitos e muitas vezes infelizes. "O presbítero amadurece em sua personalidade humana e cristã quando faz uma autêntica experiência do Deus-Comunhão e

expressa a caridade pastoral como compromisso com o povo, comungando com suas alegrias e tristezas, especialmente dos mais empobrecidos." (3° ENP, n. 109).

O padre diocesano é um homem real, presente do mundo. Revestido das ordens sacras recebe o múnus pastoral de Cristo. Ele sem espiritualidade é um homem desprovido de caridade e de misericórdia – pode até haver filantropia – e correrá um grande risco de ser infeliz e de fazer aqueles que o ladeiam infelizes.

O presbítero diocesano, no exercício de sua missão recebida de Cristo através do Sacramento da Ordem, deve olhar para a imagem do Bom Pastor e exaurir dela a idéia de um pastor comprometido com sua ovelha. Se o padre diocesano não tiver as mesmas prerrogativas de Jesus estará lhe faltando o essencial e buscará erroneamente preencher esse vazio. Terá atitudes incoerentes com sua opção de vida e, na busca de preenchimento vazio exigirá "tratamentos vip, privilégios e regalias rejeitando por completo a dinâmica vivida por Jesus, o qual quis ser apenas simples homem." (OLIVEIRA, 2007).

4.2.1 Caridade presbiteral

A capacidade de diálogo entre os presbíteros manifesta a inclinação para a vivênca da caridade presbiteral. Na fraternidade presbiteral os padres diocesanos vivem como irmãos. Na família quando um de seus membros erra a tendência não é exilar tal membro, mais de lhe dar o devido apoio. Nenhum pai ou mãe de família abandonará seu filho na hora da crise.

O padre diocesano apresenta ao mundo o Cristo na Eucaristia e Ele se doa aos homens por amor. A caridade apresenta-se neste caso como um elemento indispensável na espiritualidade diocesana e na vida cotidiana do ministro diocesano. Portanto, "Deus é caridade, e aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele." (1Jo 4, 16).

A caridade presbiteral é um desafio nos dias atuais. Há uma ausência de respeito e de apreço pelos companheiros de ministério (11° ENP, n. 44). Este aspecto é importante no trabalho evangelizador do homem de Deus. Se não houver este respeito e apreço pelo outro, a imagem do presbítero se desgasta diante da comunidade eclesial. A vivência desta dimensão da caridade exige do sacerdote diocesano um sentimento de pertença ao presbitério no qual se encontra-se inserido.

Será de uma incoerência tremenda se o padre diocesano só viver a caridade pastoral e se eximir de viver a caridade presbiteral. A caridade presbiteral exige do presbítero diocesano o espírito de colegialidade, capaz de conduzi-lo a um trabalho coletivo. Porém, o

que não se percebe é essa colegialidade e sim um individualismo que tende a aumentar. Assim sendo, " a formação para a vida comunitária ajudará o presbítero a superar a toda tendência e tentação de individualismo, relativização do compromisso, espírito de competição, consumismo." (9º ENP, p. 14). Os documentos que abordam a vida dos presbíteros são unânimes em afirmar que "o padre é ordenado para fazer parte de um presbitério." (9º ENP, p.14). E o presbitério é o lugar privilegiado para a vivência da caridade presbiteral.

A caridade presbiteral é a chave para uma evangelização eficaz e capaz de possibilitar uma maior proximidade entre os presbíteros, cuja fraternidade são chamados a vivenciar no meio da comunidade. Sem isto, os padres não poderão ser missionários e discípulos de Jesus que foi caridoso e prestativo com o povo. Assim:

> O presbítero, a Imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade pastoral [e caridade presbiteral], fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e seu ministério. (DA n. 198).

E além do mais,

> As pessoas de hoje, marcadas pela cultura fragmentada e cética da pós-modernidade, solicitam dos evangelizadores [de modo especial do padre diocesano] não uma teoria, nem uma atestação de sua fé, mas uma experiência de vida a ser comunicada e partilhada. (DAMIAN, 2007).

Deus é amor! Assim proclama São João em sua carta. O padre portador da graça divina nunca deve se esquivar de viver a dimensão da caridade em sua vida. O amor é a virtude alta de toda a cristologia, é o ensinamento novo de Jesus: "amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei" (Jo 13, 34) Na vida de um presbítero a caridade presbiteral tem que ser uma constante, pois quando se trata de pessoa humana ela é falha e na ausência dessa caridade será impossível viver a dimensão do perdão, da misericórdia e da compreensão.

4.3 A diocesaneidade na vida secular contemporânea

O momento atual é marcado por um secularismo que parece nos consumir. Há nas pessoas um sentimento de não pertença, onde tudo ou quase tudo se torna efêmero. "Nossa época não se consome a si mesma, e se traduz antes em tendências caóticas do que por programas definidos ou explicações claras." (MASURE, 1960, p. 199). Essas tendências caóticas são acompanhadas por inversões de valores suscitados por um modernismo desenfreado.

A conjuntura hodierna nos lança desafios antigos e novos e, em saídas para solucionar – ou tentativa de solução – é que surge o principio da diocesaneidade,

protagonizado pelo padre diocesano, por meio de sua espiritualidade. Desta forma, "[...] a espiritualidade dos presbíteros não pode ser entendida nem vivida, senão numa perspectiva de profunda inserção na comunidade eclesial." (CNBB. Doc. 1, p. 9).

No contexto formativo do padre diocesano existem balizas[1] norteadoras que o conduzirão a querer vivenciar uma espiritualidade intrínseca com seu estilo de via. É no percurso da formação presbiteral que o vocacionado fará a experiência da escuta diária da Palavra de Deus e do encontro com Jesus na Santíssima Eucaristia. A vida e missão do padre depende de como ele vivenciou os anos de seminário, pois o seminário é o lugar propicio para o aprendizado do Ensinamento de Cristo, o Bom Pastor. Mediante isto, "O futuro presbítero, antes de ser servidor da Palavra de Deus, será discípulo e ouvinte. Por isso, com freqüência, fará a leitura meditada e orante da Sagrada Escritura (Lectio Divina), que é a escrita humilde e cheia de amor daquele que fala." (CNBB, Doc. 55, n. 127).

A vida no seminário ensinará ao futuro presbítero a importância da diocesaneidade. O vocacionado perceberá, a partir da convivência, que a vida presbiteral só terá sentido se vivida em comunhão e que deve haver uma ajuda simultânea entre aqueles que foram chamados para a Ordem dos Presbíteros. A diocesaneidade será vivida pelos presbíteros, se no processo de formação seminarística as balizas do processo formativo estivem bem alinhadas entre si. Caso contrário, o futuro presbítero com o passar do tempo perderá encanto pela vida presbiteral.

> É essencial para a formação dos candidatos ao sacerdócio e ao miisterio presbiteral, o qual por sua natureza é eclesial, que o Seminário seja sentido não de um modo exterior e superficial, quer dizer, como simples lugar de habitação e de estudo, mas de um modo interior e profundo: como comunidade, uma comunidade que revive a experiência do grupo dos Doze unidos a Jesus. (PDV, n. 60)

A vida presbiteral diocesana depende como se deu o processo formativo do vocacionado ao presbiterado. Existe neste processo uma dupla responsabilidade: a do formador, que apresenta as balizas da formação inicial e o formando que se esforçará para vivenciar este momento ímpar em sua vida. Se nesta caminhada de formação sacerdotal só um assume sua responsabilidade, certamente, no futuro, aparecerão grandes resistências para se viver a diocesaneidade, marco da comunhão eclesial e presbiteral.

A maturidade afetiva, a caridade pastoral e presbiteral, no processo de formação, devem estar em evidência. Um presbítero, com ausência destes elementos, terá dificuldade de abraçar a diocesaneidade como pertencente a sua vida. O Sacramento da Ordem só reveste o

---

[1] Segundo os documentos do Magistério estas balizas são classificadas em cinco, a saber, dimensão humano-afetiva, espiritual, comunitária, intelectual e comunitária.

vocacionado de poder espiritual, o restante dependerá da formação por ele recebida e principalmente da Graça Divina. Os elementos citados, acrescidos da escuta da Palavra de Deus e da Sagrada Comunhão favorecem um crescimento espiritual do presbítero diocesano. Portanto, "o processo de crescimento espiritual é possível somente pelo esforço sincero e permanente de conversão, que significa disponibilidade aos novos apelos de Deus e empenho em corrigir as falhas e pecados do homem velho." (DAMIAN, 2007)

Ao longo do processo formativo, a liberdade é elemento que não deve faltar. A resposta dada a Deus é livre, sem amarras e muito menos para agradar alguém. A resposta ao chamado de Deus deve ser puramente livre, pois a liberdade nos fará homens felizes e contentes com a opção de vida na qual escolhemos.

> A liberdade, portanto, é essencial à vocação, uma liberdade que na resposta positiva se qualifica como adesão pessoal profunda, como doação de Amor, ou melhor, de entrega ao Doador que é Deus que chama, como oblação. 'O Conhecimento – dizia Paulo VI – avalia-se pela resposta. 'Não pode haver vocações que não sejam livres; se elas não forem realmente oferta espontânea de si mesmos, conscientes, generosas, totais [...] (PDV, n. 36)

A diocesaneidade na vida do presbítero diocesano só terá êxito se as etapas da formação estiverem alinhadas com a formação permanente. O padre diocesano, ao concluir estas etapas iniciais da formação, não chegou ao fim da formação integral, pelo contrário, ele precisa continuar no caminho de formação e de aprendizado. O ser padre não significa que é detentor de todos os conhecimentos, apesar de agir sob a moção do Espírito Santo ele deverá procurar aprimorar seus conhecimentos, buscando a cada dia aprender um ensinamento novo do Mestre, Jesus o Bom Pastor.

> A formação permanente é um imperativo que se impõe como processo de crescimento de todo se humano. Para os presbíteros, ela encontra seu fundamento próprio e sua motivação original no dinamismo do ministério da evangelização (cf. PDV n. 70). [...] A formação inicial e permanente devem estar integradas de tal modo que não haja ruptura entre tempo de formação no seminário e aquela que se faz necessária durante o exercício do ministério. (CNBB, Doc., n. 184-185)

A diocesaneidade protagonizada pelo Ministro diocesano apresenta perfeitamente os aspectos da vida trinitária. A ação periocorética da Trindade acontece no mundo, na História e na vida. O Cristo afirma diversas vezes que quem O vê, vê o Pai que está nos céus. A Trindade é o protótipo primeiro de diocesaneidade e a missão do Cristo é de nos apresentar essa intima relação de pertença entre o Pai e o Espírito e Dele com o Pai e o Espírito. A proposta de Jesus é que essa relação ágape da Trindade se estenda ao mundo, pois Ele mesmo diz: "Assim como o Pai, que vive, me enviou, eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimentar viverá por mim." (Jo 6, 57).

O presbítero diocesano, inserido no mundo onde o relativismo torna-se presente no caminho que se quer percorrer, ele terá o desafio de apresentar a diocesaneidade como alternativa de vida, a fim de que o seu testemunho tenha respaldo. Ele, incardinado em uma Igreja Particular deverá construir um ambiente diocesano com seus co-irmãos de presbitério, esquecendo-se de si e configurando-se a Cristo. Mas como isto será possível se o Padre diocesano é influenciado por um pensamento imediatista e secularista?

Encontrando resposta para a questão acima, automaticamente chegaremos a uma resposta para uma outra pergunta já provocada anteriormente: o Padre Diocesano tem espiritualidade? A diocesaneidade e espiritualidade são elementos inseparáveis e essenciais na vida do presbítero diocesano. Se o Padre percorreu o trajeto da maturidade afetiva, da caridade pastoral e caridade presbiteral, da escuta diária da Palavra de Deus, da vivencia intima da Eucaristia e tornado-se protagonista de Jesus, Bom Pastor, a comunidade confiada a seu pastoreio certamente ele será um homem de espiritualidade consistente e protagonista de uma diocesaneidade edificante na comunidade eclesial.

O padre diocesano encontra-se inserido no Povo de Deus e é isto que constitui a diocesaneidade no contexto eclesial. É para um povo que Deus construiu um plano de amor e para este povo que Jesus foi enviado, a fim de que o povo escolhido tivesse vida e vida em plenitude (Jo 10,10). A diocesaneidade para o presbítero diocesano manifesta-se na repetição dos gestos e Palavras de Jesus. Para isso, o sacerdote diocesano deverá tomar consciência de que é chamado e enviado por Jesus para ser continuador de sua missão neste mundo.

> Como padres, pastores do Povo de Deus, somos por excelência facilitadores da comunicação e da relação. Nossa missão é criar a relação com Cristo e com as pessoas; permitir que o amor seja laço que une as pessoas numa dinâmica missionária de saída permente ao encontro daqueles que ainda não são do redil do Pai (BIBOLLET, 2000, p. 22).

4.4 A Eucaristia, sustentáculo da diocesaneidade.

Jesus, no desempenho de seu ministério, percorreu cidades, lugarejos, vilas pregando a Boa Nova do Reino de seu Pai. Chamou homens para serem colaboradores de seu ministério e os instituiu Apóstolos (Mt 10, 1-2). O ápice da missão de Jesus se dá no Mistério Pascal onde Ele se doa como alimento aos seus (Lc 22, 19-20). Jesus instituiu na Última Ceia, Quinta Feira Santa, véspera de sua paixão, a Eucaristia e pediu aos Apóstolos: "Fazei isto em memória de mim." (Lc 22, 19).

Os Apóstolos receberam a missão de atualizar em seu cotidiano o gesto final de Jesus na Última Ceia. As comunidades primeiras foram crescendo e os Apóstolos já não

tinham condições de atendê-las, portanto eles instituíram ,pela imposição das mãos, diáconos e presbíteros para auxiliá-los. (2 Tm 1, 6; At 6, 56).

A prática de ordenar presbíteros provém da Igreja primitiva. À medida que os Apóstolos iam morrendo, eram escolhidos seus sucessores, que hoje claramente se compreende como sendo os Bispos. São Paulo nos confirma: "[...] O Espírito Santo vos estabeleceu como bispos para reger a Igreja de Deus" (At 20, 28). A transmissão da autoridade espiritual dava-se pela imposição das mãos – e continua hoje. O padre diocesano atualiza o gesto de Jesus na Última Ceia e por ser ungido pelo Espírito Santo estabelece um intima relação entre Cristo e o povo.

A Sagrada Eucaristia, doada por Cristo e atualizada pelo padre diocesan, apresenta-se para os fiéis como um ponto de convergência, entendimento. Congregam-se em torno Dela diversas pessoas, no entanto, são unidas pelo Corpo de Cristo. A expressão da diocesaneidade se manifesta quando o padre apresenta ao povo "o Corpo e Sangue de Cristo" e participando do Corpo e Sangue de Cristo esforçam-se por vivenciar este momento único, irrepetivel, estabelecendo com o próximo uma relação harmonizada.

"A Igreja vive da Eucaristia." (EE, n. 1) Esta afirmativa coloca-nos no âmbito de compreensão de que a diocesaneidade só pode acontecer no âmbito da comunidade eclesial e que ela é a raiz de toda a vida diocesana. Viver a Eucaristia significa dizer que Jesus é a fonte inesgotável que sustenta a Igreja.

Quando se afirma que a Eucaristia é a centralidade da diocesaneidade é por que ela é o ponto de comunhão eclesial. Não se vive a diocesaneidade sem a comunhão eclesial. Portanto,

> [...] a Igreja é chamada a conservar e promover tanto a comunhão com a Trindade divina como a comunhão entre os fiéis. Para isso possui a palavra e os Sacramentos, sobretudo a Eucaristia; desta 'vive e cresce' e ao mesmo tempo exprime nela (EE, n. 34).

A comunhão eclesial suscitada pela Eucaristia se manifestará na comunidade eclesial cujo valor encontra-se na diocesaneidade. Celebrar a Eucaristia é manifestar para o mundo a ação do Deus-amor que chama o homem a colaborar na edificação de seu projeto de felicidade.

> A unidade da comunhão eclesial revela-se, concretamente nas comunidades cristãs e renova-se no ato eucarístico que as une e diferencia em Igrejas Particulares, *in quibus et ex quibus una et unica ecclesia catholica existit* – nas quais e pelas quais existe a Igreja Católica, una e única (SC, n. 15)..

Se a Eucaristia configura-se como centralidade da diocesaneidade o padre diocesano deverá ser o primeiro protagonista, não se esquivando de vivê-la em sua

comunidade presbiteral e expadindo-a para a comunidade. Viver a diocesaneidade é não esquecer em momento algum que o padre diocesano recebeu de Jesus Cristo a Graça de dar-nos o Pão descido dos céus. É por isto que,

> [...] a Eucaristia se apresenta como sacramento culminante para levar à perfeição a comunhão com Deus Pai através da identificação com seu Filho Unigênito por obra do Espírito Santo... na Eucaristia mais do que em qualquer outro sacramento, o mistério [da Comunhão] é tão perfeito que conduz ao apogeu de todos os bens; nela alcançamos Deus e Deus une-se conosco pela união perfeita (EE, n. 34)..

O presbítero diocesano tem o poder de trazer, através do Sacramento da Comunhão, Jesus até nós. É por suas mãos que Cristo sacramentado nos é doado. Ele tem em suas mãos o sustento para si e para toda a comunidade. A Sagrada Comunhão manifesta na vida do padre diocesano como principio da diocesaneidade e que se expande para seus corações e suas ações. Devemos almejar uma comunidade presbiteral que viva profundamente a diocesaneidade onde aconteça entre os padres uma perpétua e feliz ajuda mútua.

O sacrifício eucarístico se dá num contexto da comunidade onde Jesus reuniu os Apóstolos em torno de si para celebrar pela última vez, antes de sua morte na cruz, a Ceia com os seus. A dimensão comunitária da Eucaristia leva-nos a compreender que seu sentido é congregar em torno de Jesus todos os povos línguas e nações. O sacerdote quando proclama, após ter consagrado o pão e o vinho, *eis o mistério da fé!* ele eleva o corpo e o sangue de Cristo e toda comunidade reunida responde, *salvador do mundo salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.*

O espírito diocesano do padre emana completamente do sacrifício eucarístico. A Sagrada Comunhão une simultaneamente diversas pessoas que acolhem Jesus Eucarístico como alimento. Jesus é ponto unificador de povos e nações. O Sacramento da Eucaristia manifesta perfeitamente a dimensão diocesana do povo de Deus onde todos comungam do Corpo e o Sangue de Cristo e ao retornarem para a labuta do dia-a-dia manifestam a felicidade e o amor de estarem em comunhão com Deus e com os irmãos. Por isso,

> [..] o sacramento [da Eucaristia] exprime esse vinculo de comunhão quer na dimensão invisível que em Cristo, pela ação do Espírito Santo, nos une ao Pai e entre nós, quer na dimensão visível que implica a comunhão com a doutrina dos apóstolos, os sacramentos e a ordem hierárquica. (EE, n. 35)

A Eucaristia é um evento coletivo onde os comungantes encontram força espiritual a fim de continuarem sua missão como cristãos inseridos no mundo. A diocesaneidade é vivida por primeiro pelo Cristo que colocou sua vida a serviço de todos.

Hoje os padres diocesanos não podem relutar contra este exemplo de Jesus; muito pelo contrario, devem viver profundamente a diocesaneidade proposta por Jesus.

4.5 A Virgem Maria, ícone do discipulado e da diocesaneidade

A espiritualidade presbiteral diocesana recebe influencia da vida e missão de Maria Santíssima. Não se pode deixar de mencionar a pessoa de Maria no processo de construção e vivência da espiritualidade diocesana. Ainda mais se tratando daquela que se portou diante de Deus como sua serva. No contexto do discipulado e da diocesaneidade a Santíssima Virgem apresenta-se como uma grande colaboradora no seguimento a Jesus. Ela, primeira discípula e missionária do Senhor, conseguiu olhar o plano de Deus na dimensão do despojamento e da doação. A Santa Virgem Maria não hesitou em dizer ao anjo: eis aqui a serva do Senhor, faça- se em mim segundo a tua palavra (Lc 1, 38). A partir desse momento, a Virgem Maria colocou-se como modelo de discípula que escuta o apelo de Deus e sem titubear responde prontamente ao chamado d'Ele.

O discipulado da Santíssima Virgem sempre esteve em consonância com a Palavra divina. Ela assume com afinco, ânimo e serenidade o compromisso com Deus cujo centro é sua vida. O discipulado de Maria Virgem e Mãe esteve em plena comunhão com Jesus, a tal ponto dela convocar aos outros a fazer tudo que Ele pedir (Jo 2, 5). É uma sintonia de mãe que converge em seguimento, pois ela guardava tudo no coração.

> A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de filhos no Filho nos é dada na Virgem Maria que através de sua fé (Lc 1, 45) e obediência à vontade de Deus (Lc 1, 38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (Lc 2, 19.51), é a discípula mais perfeita do Senhor. (DA. n. 266).

A vida de Jesus fora marcada pela presença companheira da Bem Aventurada Virgem Maria. Ela seguiu todos os passos de seu Filho, formando primeiramente com Ele uma família, a família de Nazaré. Pelo costume judaico, Jesus recebeu os primeiros ensinamentos de fé de sua Mãe, pois o filho permanecia a maior parte do tempo com a mãe.

No início do ministério de Jesus, quando ele começa a pregar a proximidade do Reinado de Deus, ele chama para segui-lo doze homens que ele denomina de Apóstolos, formando assim uma comunidade e a Santíssima Virgem encontrava-se inserida no meio dela, da comunidade dos apóstolos. Imagine Jesus ensinando para seus Apóstolos e Maria Santíssima ouvindo todo o ensinamento. Se a Santíssima Virgem seguiu os passos de Jesus,

rezou com eles, tomou refeição com eles, etc., então adquiriu o sentido pleno do plano de Deus. Ela, como afirma o documento de Aparecida é

> interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos... A Virgem Maria teve missão única na historia da salvação, concebendo, educando e acompanhando seu filho até o sacrifício definitivo (DA, n. 266).

O ícone de Maria Santíssima para a comunidade apostólica é de grande relevância, principalmente após a morte de Jesus onde os Apóstolos se dispersaram, perderam a esperança e ficaram com medo dos judeus também os matarem. Eles receberam o incentivo, encorajamento de Nossa Senhora. Animados por ela, os Apóstolos compreenderam que a Missão iniciada por Jesus deveria ser continuada por eles e que a presença de Maria, Virgem e Mãe, no meio deles fora um grande apoio e incentivo para saírem em missão.

O ponto chave para se compreender a diocesaneidade na vida de Maria é o cenáculo. Cenáculo é o lugar do recolhimento, do *refazimento* da fé, da esperança, lugar de profunda oração e por que não dizer lugar de avaliação. A diocesaneidade requer de cada implicado no seguimento de Jesus, o sentir com e o estar com e refletir o que anunciou o Apostolo Paulo: Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.

O cenáculo é lugar da manifestação do ressuscitado e aqueles que se encontram na comunidade contemplam o rosto de Cristo glorioso e os que estão fora perdem esse momento impar que aconteceu no seio da comunidade. Viver a diocesaneidade significa sentir-se como comunidade que vive e contempla Jesus vivo, continuador da missão do Pai.

Maria é ícone da diocesaneidade porque soube primeiramente ser discípula, peregrina na fé, companheira fiel de Jesus e dos Apóstolos. Não abandonou a sua comunidade na hora da crise e sim colocou-se como referência de peserverança para os Apóstolos.

O padre diocesano ao contemplar o ícone da Virgem Maria notará que sua vida sempre foi marcada pelo seguimento ao Mestre. A compreensão do sentido profundo da diocesaneidade para o presbítero diocesano, sem dúvida é a pessoa de Jesus. No entanto, a Virgem Maria tem um contributo grandioso para a diocesaneidade.

O ministro diocesano encontra no ícone de Nossa Senhora o referencial de primeira discípula e aquilo que viveu como mãe e discípula de Jesus, pois ela colocou sua vida por completo à disposição de Deus e do próximo, abandonando todo tipo de acepção e buscando diariamente ser uma cooperadora do Plano de Deus para a humanidade.

4 CONCLUSÃO

A mística e a espiritualidade do Bom Pastor manifestam-se na proclamação da Boa Nova do Reino de Deus. Boa Nova que traz no seu bojo o desígnio de Deus: que todos tenham vida e vida em plenitude (Jo 10, 10). A Boa Nova do Bom Pastor encanta muitas pessoas pela eloqüência de suas palavras audíveis e pelo testemunho feliz da Boa Nova através da compaixão e da misericórdia.

O padre diocesano é chamado a construir sua espiritualidade e mística tendo por alicerce a Boa Nova proclamada pelo Bom Pastor. Não uma espiritualidade de intimismo e sim de profunda comunhão e intimidade com o Evangelho e a Eucaristia que se apresentam como sustentáculo para a vivência da diocesaneidade.

No entanto, é no ícone do Bom Pastor que podemos perceber a completa espiritualidade dos seguidores de Jesus, de modo particular, do ministro diocesano que por força da opção de vida e por força do ofício deverá ser o primeiro de todos a manifestar ao mundo secularizado e dilacerado pela ausência de tantos valores cristãos, a espiritualidade do Bom Pastor que vai em busca da ovelha perdida e a encontra trazendo-a, nos ombros, para se encontrar com as outras ovelhas.

A tese sobre a qual nos propusemos a refletir aprimorou os conhecimentos sobre a vida e ministério do padre diocesano, levando-nos a perceber a grandeza que existe em sua espiritualidade. A espiritualidade do padre diocesano tem tantos fundamentos, mas utilizamos a Sagrada Escritura, o Magistério da Igreja e o pensamento de teólogos para embasar nossa linha de reflexão e compreender melhor que o Espírito de Deus sempre acompanhou e guiou seus escolhidos.

Ao término deste Trabalho de Conclusão de Curso olho o tema da espiritualidade do padre diocesano com outras perspectivas e com o olhar fixo na imagem do Bom Pastor. O padre diocesano, no exercício de seu ministério pastoral, antes de ser administrador de bens da Igreja deve ser pastor do rebanho, pois Jesus ao chamar os Apóstolos, quis que sua missão se eternizasse pelos séculos.

A vivência da espiritualidade depende do alcance de maturidade da pessoa implicada na opção de vida que escolheu. É certo que Deus é quem dá a vocação, mas a resposta dada por todo vocacionado está intrinsecamente relacionada com aptidões, qualidades, limitações de cada ser que se dispõe a responder ao chamado de Deus. Tal resposta, na vida de cada presbítero, não se encontra definitivamente acabada, ela é um

processo que exige, a cada dia, do presbítero diocesano, uma atualização em conexão com uma espiritualidade diocesana.

A tomada de consciência no fim deste trabalho de conclusão de curso encontra-se na maneira do padre diocesano viver sua espiritualidade, tornando-se indispensável a vida intima de oração, o murmurar cotidiano da Palavra de Deus, o diálogo com o Cristo Eucarístico e na atividade pastoral ter convicção de que o presbitério é o lugar privilegiado para a partilha, vivência fraterna em comunhão com o bispo diocesano.

Em síntese, consideramos o tema da espiritualidade de grande relevância no momento atual, quando se percebe uma procura constante nas pessoas de quererem faze um experiência de Deus em suas vidas E mais especial ainda a espiritualidade do padre diocesano que se baseia na vida e missão do Bom Pastore que tem a missão de apresentar aos homens o rosto de misericordioso e compassivo de Jesus. Este tema deveria ser mais refletido no âmbito acadêmico, no âmbito pastoral, a fim de dissipar quaisquer dúvidas acerca da espiritualidade diocesana. O padre diocesano tem uma identidade uma espiritualidade que são recebidas de Jesus o Bom Pastor, confirmada nos ensinamentos da Igreja e sob a constante proteção da sempre Virgem Maria.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. **Deus é amor:** carta Encíclica. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Sacramentum Caritatis:** Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, Loyola, 2002.

BIBOLLET, Bruno. **Padres diocesanos:** elementos de espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2000.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade:** caminho de realização. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

_____. **O Senhor é meu Pastor**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, c1993.

CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 3. ed. Brasília, DF: CNBB, 2007.

CENCINI, Amedeo. **Com amor:** liberdade e maturidade afetiva no celibato consagrado. São Paulo: Paulinas, 1997.

CHRISTUS Dominus. In:VIER, Frederico. **Compêndio do Vaticano II.** 29 ed. Petrópolis:Vozes, 2000.

CIFUENTES, Rafael Llano. **A maturidade afetiva**. Disponível em :< http// www. portaldafamilia.org,br>. Acesso em: 29 dez. 2007.

CNBB. **Espiritualidade presbiteral hoje**. São Paulo: Paulinas, 1974.

_____.**Vida e missão dos presbíteros**. São Paulo: Paulus, 2004.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2004.

COMISSÃO NACIONAL DO CLERO. **Missionariedade e profetismo do presbítero, na Igreja e no mundo à luz do Concílio Vaticano II**. Brasília, DF, 2006.

_____. **Pastoral presbiteral.** 4.ed. Brasília, DF, 2004.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida do presbítero.** São Paulo: Loyola,1994.

DAMIAN. Edson. **Espiritualidade do presbítero**. 2007. Disponível em: < http// www.osib.org.br>. Acesso em: 29 dez. 2007.

FLORIPA. Arquidiocese. **Padre diocesano**. Floripa, 2007. Disponível em: :< http// www.arquidiocesede floripa.org.br>. Acesso em: 20 set. 2007.

GIUNTELLA, A. M. Pastor (o bom). In: ANDRADE, Cristina (Org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

HUMMAN, A. Espiritualidade. In: ANDRADE, Cristina (Org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO PAULO II. **Ecclesia de Eucharistia.** São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **Pastores Dabo Vobis:** Exortação Apostólica sobre a formação dos sacerdotes. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

LORSCHEIDER, Dom Aluisio. **Identidade e espiritualidade do padre diocesano.** Petrópolis: Vozes, 2007.

LUMEN Gentium. In: VIER, Frederico. **Compêndio do Vaticano II.** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MASURE, Eugène. **Padres diocesanos.** São Paulo: Paulinas, 1960.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Espiritualidade dos ministros.** Disponível em: < http// www.osib.org.br>. Acesso em: 29 dez. 2007.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi:** Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 18. ed.São Paulo: Paulinas, 2005.
PEREIRA, Ednaldo Rodrigues. **A espiritualidade do ministério presbiteral diocesano.** 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Teologia) . IESMA. São Luis, 2006.

PRESBÍTEROS: fraternidade e serviço. Itaicí, 1989. (Documento final do 3° encontro Nacional de Presbíteros).

PRESBYTERORUM Ordinis. In: In: VIER, Frederico. **Compêndio do Vaticano II.** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROSEMBACH. Citto José. **A espiritualidade do padre diocesano.** 2007. Disponível em: < http// www.arquidiocesedesaopaulo.org.br> Acesso em: 20 set. 2007.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Evangelização e maturidade afetiva.** São Paulo: Paulinas, 2006.

SBAFFI, M. Caridade.In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005.

ZAVALLONI, R. Maturidade espiritual. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005. p. 719 – 729.